

AS DIMENSÕES INTERDISCIPLINARES DO ESTUDO DO CRIME ORGANIZADO¹

*Klaus VON LAMPE**

RESUMO: Este ensaio-ressenha mapeia sistematicamente as várias influências de outras áreas de pesquisa científica, incluindo a economia, a psicologia e a neurobiologia, no estudo do crime organizado. Apoiando-se na análise da literatura norte-americana e internacional, referências metafóricas e substantivas a outras disciplinas são tematizadas em cinco planos de consideração: o **crime organizado** individual, as atividades em que estes indivíduos estão envolvidos, os padrões de associação por meio dos quais eles estão conectados, as estruturas de poder que subordinam estes indivíduos e grupos a interesses comuns ou a interesses particulares, e as relações entre estes indivíduos, estruturas e atividades, por um lado, e as esferas legais da sociedade, por outro. Argumenta-se que é necessário um programa de pesquisa visando constituir um corpo de conhecimento para superar as deficiências do atual uso eclético de conceitos e teorias de outras disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: Crime organizado. Pesquisa. Teoria da organização. Psicologia. Estudos de gênero.

Ao longo dos últimos trinta anos, o estudo do crime organizado tornou-se uma subdisciplina independente com seus próprios manuais, revistas e

* John Jay College of Criminal Justice. Department of Law, Police Science and Criminal Justice Administration. New York – NY – USA. 10019 – kvlampe@jjay.cuny.edu

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no Encontro Anual da Sociedade Americana de Criminologia em Toronto, Canadá, em Novembro de 2005. O autor gostaria de agradecer aos dois pareceristas anônimos por seus valiosos comentários. All rights reserved. Reprinted by permission of the Copyright Clearance Center. A Revista Estudos de Sociologia agradece ao autor pela autorização para publicar este artigo.

Publicado originalmente em *Trends in Organized Crime*, Danvers, Massachusetts, v.9, n.3, p.77-95, 2006. Tradução: Antonio Ianni Segatto. Revisão técnica da tradução: Lucila Scavone.

associações profissionais. Embora o tema central seja o crime, ele nunca foi um empreendimento exclusivamente criminológico e nem mesmo exclusivamente sociológico. Dada a ampla extensão do conceito de crime organizado, que, segundo diferentes interpretações, abrange fenômenos diversos como mercados ilegais, estruturas criminais quase-governamentais, crime corporativo e crime estatal, o estudo do crime organizado atraiu especialistas com formações acadêmicas que vão além da criminologia e da sociologia, incluindo a antropologia, a economia, a história, o direito e a ciência política. Conseqüentemente, estudiosos do crime organizado emprestaram conceitos e teorias de uma diversidade de disciplinas acadêmicas. Entretanto, a dimensão multidisciplinar não garantiu necessariamente um grau elevado de interpenetração teórica dos objetos de estudo. Apesar dos avanços recentes, a literatura teórica acerca do crime organizado permanece bastante escassa e fragmentada. Com efeito, pode-se chegar ao ponto de dizer que a **teoria do crime organizado**, se é que ela existe, é de maneira geral uma mistura eclética, e que as diversas referências a outras disciplinas contribuíram para a confusão que já existia no nível conceitual, ao invés de dissipar a névoa (REUTER, 1994). Isso não significa dizer que as dimensões interdisciplinares do estudo do crime organizado são necessariamente uma deficiência, ao invés de uma virtude. Ao contrário, pode ser vantajoso agrupar os fragmentos conceituais e teóricos, desde que isso seja feito sistematicamente e que uma atenção cuidadosa seja dada à evidência empírica.

O propósito deste artigo é modesto. O objetivo não é selecionar alguns fios soltos e integrá-los em quadro teórico abrangente, já que isso estaria além do escopo limitado de um artigo, mas simplesmente mapear, segundo uma ordenação esquemática, as várias ligações com outras disciplinas além da criminologia e da sociologia como um primeiro passo em direção a um uso mais sistemático dessas influências interdisciplinares. Para tanto, uma ampla parcela da literatura norteamericana e internacional foi resenhada. Procurou-se também identificar algumas tendências atuais a fim de determinar quais áreas de pesquisa podem influenciar o estudo do crime organizado no futuro.

O estudo do crime organizado e outras disciplinas

Uma vez que o foco deste artigo consiste no modo como o estudo do crime organizado é influenciado por outras disciplinas científicas, não se deve desconsiderar o fato de que esta relação não é unidirecional.

Há essencialmente dois tipos de ligação entre o estudo do crime organizado e outras áreas da pesquisa científica quando se olha, por um lado, para a direção

da influência e, por outro, para a relação que se pode perceber entre os respectivos objetos de estudo, mais especificamente, se a relação é vista como tendo uma natureza mais ou menos metafórica ou se acredita existir uma sobreposição dos fenômenos sob investigação.

Referências ao crime organizado em outras disciplinas

Em alguns casos, o estudo do crime organizado fomentou outras áreas de pesquisa. Isso é mais significativo nas áreas em que o crime organizado foi abordado em um contexto mais amplo ou parcialmente sobreposto, no qual ele foi visto como uma faceta empírica ou como uma condição mais básica do fenômeno sob investigação. Nestes casos, o crime organizado não é ponto focal de interesse. Um exemplo é fornecido pela literatura de pesquisa clássica acerca da delinquência juvenil, incluindo *The Gang* de Thrasher (1927), *Street Corner Society* de Whyte (1943) e *Delinquency and Opportunity* de Cloward e Ohlin 1960, que dão uma atenção considerável ao fenômeno do crime organizado. Thrasher, por exemplo, aborda o crime organizado, personificado pela gangue adulta, como uma consequência do fenômeno global das gangues, enquanto Cloward e Ohlin veem o crime organizado mais em termos de uma condição sistemática que tem certa relação com a posição social e os padrões de atividade das gangues juvenis.

Referências similares podem ser encontradas na literatura sobre a política, a economia e a cultura, em que o crime organizado aparece como parte essencial e formadora do tecido da sociedade, como no caso específico dos Estados Unidos (LERNER, 1957), da Itália (BARZINI, 1964) e das sociedades de transição pós-soviéticas (SATTER, 2003). Uma variação interessante desse tipo de literatura é apresentada pelos escritos políticos do Terceiro Reich e da época da União Soviética que tratam do tema do crime organizado com a intenção de expor as fraquezas manifestas e as contradições do sistema da democracia ocidental (HALTER, 1942; POLKEM; SZEPONIK, 1985). Mais especificamente, no caso dos Estados Unidos, a literatura sobre a política norte-americana (BROGAN, 1960), particularmente sobre a política municipal (BANFIELD; WILSON, 1963), a imigração (GAMBINO, 1974) e o movimento trabalhista (KIMELDORF, 1992) ficariam incompletos sem tocar no tema do crime organizado. Entretanto, e isso é verdade até mesmo para a literatura mais recente, o estudo do crime organizado não é amplamente reconhecido como uma fonte de conhecimento. A história do sindicalismo dos estivadores de Howard Kimeldorf, por exemplo, concentra-se extensivamente na literatura acerca do movimento trabalhista, mas, apesar do

título interessante, *Reds or Rackets?* [Comunistas ou extorsores?], praticamente ignora as contribuições do estudo do crime organizado que já estava disponível quando este livro foi publicado pela primeira vez (BLOCK, 1983; BLOCK; CHAMBLISS, 1982; REUTER, 1987)².

Um exemplo de reconhecimento da literatura do crime organizado, na esteira da análise do fenômeno da máfia por Arlacchi (ARLACCHI, 1986), é o estudo sobre a organização econômica do filósofo político alemão Axel Honneth (1994). Ele discute as corporações japonesas e a máfia do sul da Itália como duas manifestações de empresas nas sociedades modernas que pertencem a um clã.

É mais difícil encontrar um exemplo em que o estudo do crime organizado fomentou outras áreas de pesquisa por meio de referências metafóricas ou, para dizer de maneira mais elaborada, por meio de analogias. O que se pode encontrar são referências à máfia ou ao uso de outras metáforas relacionadas ao crime organizado sem tocar na literatura sobre o crime organizado. O biólogo Richard Dawkins (1989, p.2), por exemplo, em seu livro *The Selfish Gene* [O gene egoísta] estabelece uma analogia entre os genes e os “gângsteres de Chicago bem-sucedidos”³.

Referências a outras disciplinas no estudo do crime organizado

Em geral, parece que o estudo do crime organizado se beneficiou mais de outras áreas de pesquisa do que o inverso. Nesses casos, conceitos e teorias foram adotados seja a partir da suposição de que o crime organizado é uma faceta de um fenômeno mais amplo sob investigação em outras disciplinas, seja a partir da suposição de que existem similaridades suficientes entre o crime organizado e os objetos de estudo de outras disciplinas.

Um tipo de ligação interdisciplinar, do qual o estudo do crime organizado se beneficiou, estabelece-se quando o crime organizado é visto sob as lentes, ou melhor, dentro do paradigma de outra disciplina. Um bom exemplo é a análise econômica do crime organizado, que se baseia na suposição de que a atividade do crime organizado é baseada no mercado e de que as estruturas do crime organizado são estruturas do empreendedorismo.

É interessante notar que, além de uma mera transferência da análise econômica para o estudo do crime organizado, a consideração das especificidades da ilegalidade levou ao desenvolvimento do que pode ser considerado como um ramo

² Para contribuições mais recentes de pesquisadores do crime organizado para o estudo da extorsão trabalhista Block e Griffin (1997) e Jacobs (1999; 2006).

³ Referências mais extensas podem ser encontradas na literatura sobre administração. Ver: Schneider (2004) e Himsel (2004).

separado da pesquisa econômica, que está ligado a nomes como Schelling (1967) e Reuter (1983).

Finalmente, descobertas e *insights* de outras disciplinas são introduzidos no estudo do crime organizado por meio de analogias. Nesses casos, as similaridades notórias entre o crime organizado e outros fenômenos sociais servem como uma justificção para emprestar conceitos e proposições de áreas de pesquisa sem relação à primeira vista. Um bom exemplo é dado pelo estudo de Letizia Paoli sobre as associações mafiosas do sul da Itália, em que ela utiliza diversas metáforas e analogias com a finalidade de esclarecimento e argumentação. Por exemplo, Paoli toca na literatura antropológica como o *Stone Age Economy*, baseando-se na suposição de que há analogias entre as associações mafiosas e as sociedades primitivas (PAOLI, 2003a, p.86). Outro caso em questão é a sua referência à literatura histórica sobre o comércio oceânico no século XVI para ilustrar seu argumento de que as associações mafiosas não podem ser classificadas como empresas exclusivamente governamentais ou comerciais (PAOLI, 2003a, p.172).

Pontos de entrada para influências interdisciplinares

Quando se fala de crime organizado e de como ele pode ser mais bem compreendido por meio do uso de conceitos e teorias de outras disciplinas, deve-se enfatizar que o crime organizado como tal não é o objeto de estudo. O crime organizado não existe enquanto fenômeno claramente discernível e empiricamente coerente. Ao invés disso, ele é, antes de tudo, um construto. Uma miríade de aspectos do universo social é agrupada em combinações variadas dentro de diferentes quadros de referência dependendo do respectivo ponto de vista de cada observador (VON LAMPE, 2003a, p.9). Diante desse pano de fundo, é problemático se apoiar nas teorias criminológicas para tentar explicar o crime organizado sem especificar e sistematicamente diferenciar os diferentes pontos de vista no amplo quadro do crime organizado (KELLY, 1987; KENNEY; FINCKENAUER, 1995; LYMAN; POTTER, 1997).

Ao descrever o objeto de estudo, dever-se-ia falar de uma gama de diferentes fenômenos empíricos que são examinados em um contexto bem mais vago. Estes fenômenos incluem certos indivíduos, as atividades em que estes indivíduos estão envolvidos, os padrões de associação por meio dos quais eles estão conectados, as estruturas de poder que subordinam estes indivíduos e grupos a interesses comuns ou particulares, e as relações entre estes indivíduos, as estruturas e as atividades, por um lado, e as esferas legais da sociedade, por outro. Essas facetas do quadro geral confuso podem ser entendidas também como diferentes níveis ou pontos focais de

análise. Quando se olha para o conjunto da literatura do crime organizado, torna-se manifesto que a introdução de outras disciplinas não foi igualmente distribuída no passado.

Plano individual

No plano do indivíduo **criminoso organizado**, seria óbvio encontrar algumas referências à psicologia. Entretanto, dada a pouca atenção que o indivíduo transgressor recebe no estudo do crime organizado, especialmente em comparação com outras áreas da pesquisa criminológica (e também em contraste com os estereótipos centrados no gângster e no mafioso), a influência da psicologia também tem sido marginal. Isso também se aplica, como Van Duyne (2000) notou, às investigações do crime organizado por agências legais. Em geral, quando se dá atenção às características individuais dos criminosos organizados, a ênfase tende a estar na importância das capacidades, habilidades e atitudes (BEARE, 1996; VAN DUYN, p.292; HOMER, 1974; VON LAMPE, 1999; LEVI, 1998; MOORE, 1987). Conceitos psicológicos e tipologias foram usados notadamente por Frank Bovenkerk (2000). Apoiando-se nas cinco grandes dimensões da personalidade (extroversão, sociabilidade, escrupulosidade, neuroticismo e abertura à experiência), que são amplamente reconhecidos na psicologia para captar os aspectos mais salientes da personalidade humana (HUFFMAN; VERNON; VERNON, 1995; MORRIS, 1993), ele discute as características de personalidade requeridas para a liderança no submundo. Referências menos evidentes a conceitos psicológicos podem ser encontradas, por exemplo, na descrição de Patricia Adler da “personalidade traficante” do alto escalão dos traficantes de drogas e contrabandistas (ADLER, 1993).

Padrões estruturais de organização

A questão sobre quão organizado é o crime organizado está provavelmente no centro da maior parte dos estudos sobre o crime organizado desde a década de 1960. Impulsionada pela afirmação de Donald Cressey de que o crime organizado nos Estados Unidos é sinônimo de Cosa Nostra e que Cosa Nostra é “tanto uma organização comercial quanto um governo” (CRESSEY, 1969, p.110), há uma controvérsia continuada sobre o grau em que os padrões de cooperação criminal se assemelham a entidades organizacionais na esfera legal da sociedade e sobre como captar mais apropriadamente os padrões de associação que existem. No debate,

foram feitas referências primordialmente a duas grandes linhas de pesquisa: teoria da organização e análise de redes.

Teoria da organização. Conceitos da teoria da organização foram usados tanto para corroborar e refutar a noção de organizações criminais quanto, de maneira mais moderada, para analisar de modo geral as próprias estruturas empíricas. Conceitos-chave da teoria da organização (HALL, 1982), que foram usados de maneira variada a este respeito, incluem tamanho, formalização, centralização, diferenciação horizontal e vertical e integração vertical (BEST; LUCKENBILL, 1994; VON LAMPE, 1999; 2003b; LIDDICK, 1999; PAOLI, 2003b; SOUTHERLAND; POTTER, 1993; VARESE, 2001; ZAITCH, 2002; ZHANG; GAYLORD, 1996). Com o mesmo propósito de descrever sistematicamente as estruturas criminais, Sieber e Bögel (1993) se basearam nos conceitos de logística comercial. Eles dissecaram áreas particulares do crime, como tráfico de veículos motorizados roubados e jogo ilegal, cada vez com um enfoque sobre diferentes aspectos logísticos: logística de aquisição, logística de produção, logística de marketing, logística de investimento e logística compreensiva (por exemplo, o fluxo de informação ou o encobrimento de atividades).

Algumas análises vão além da mera descrição. Dwight C. Smith, por exemplo, empregou a abordagem da *Transaction Cost Economics* a fim de explicar o surgimento das organizações criminais (SMITH, 1994; DICK, 1995). Smith, seguindo Oliver Williamson (1985), argumenta que, nos mercados ilegais, assim como mercados legais, trata-se de uma questão relativa a custos se uma transação é baseada no mercado ou se ocorre no quadro de uma organização. Ele argumenta, além disso, que os fatores que determinam os custos da transação na esfera legal também são decisivos em um cenário ilegal, sendo pautados pela racionalidade, oportunismo e especificidade do bem. Smith conclui que, quando as partes de uma transação operam sob condições de incerteza, quando eles estão inclinados a buscar a fraude por interesse próprio, e quando eles fazem investimentos que não podem ser facilmente reempregados para outros propósitos, alguma forma de organização é inevitável (SMITH, 1994, p.135).

Conectada à questão da emergência das organizações criminais encontra-se a questão de como as organizações, se é que elas existem, formam-se e estruturam-se. Mais uma vez foi Dwight C. Smith quem deu uma contribuição significativa ao transferir a perspectiva do sistema aberto a teoria da organização para a análise das empresas ilícitas. Baseando-se em James Thompson (1967), ele argumenta em sua “teoria da empresa baseada no espectro” que a estrutura de uma empresa ilícita é amplamente determinada pela tecnologia fundamental que ela utiliza para produzir bens ou serviços e pelas tarefas circundantes, incluindo as condições externas que

permitem a ela funcionar e, ao mesmo tempo, oferecem riscos para sua continuidade (SMITH, 1975, 1978, 1980). Mais adiante, Smith enfatiza novamente esse ponto com uma referência à teoria dos múltiplos constituintes, segundo a qual as organizações não são os iniciadores, mas o resultado da ação, sendo continuamente estruturadas e reestruturadas no intercâmbio entre diferentes partes interessadas (SMITH, 1994; ver também HALSTEAD, 1998). Potter e Southerland (1993), de maneira similar, aplicaram os conceitos-chave da teoria da organização para compreender as variações possíveis na estrutura das empresas ilegais e desenvolver proposições sobre o modo como essa estrutura é afetada por uma variedade de fatores. Eles refinaram particularmente a análise das condições circundantes, utilizando conceitos que incluem a diversidade, a complexidade, a estabilidade e a hostilidade do mercado (POTTER, 1994).

Análise de redes. Referências à teoria da organização se tornaram menos proeminentes nos últimos anos à medida que o crime organizado é cada vez mais visto em termos de redes criminais. A noção subjacente é a de que “o crime organizado é, em seu nível mais básico, um produto de relações sociais sobrepostas e inter-relacionadas” (POTTER, 1994, p.116; MCILLWAIN, 1999, p.304).

Quando o conceito de rede foi introduzido pela primeira vez no estudo do crime organizado, ele foi emprestado da antropologia como uma ferramenta descritiva para explorar os traços essenciais das relações interpessoais. Isso foi feito não apenas por causa da intenção de examinar organizações criminosas no sentido próprio da palavra, como no estudo de Ianni dos grupos criminosos negros e hispânicos na área de Nova York (IANNI; FISHER; LEWIS, 1973; IANNI, 1974), mas também com a intenção de rejeitar a noção de organização criminal, como no caso do estudo da máfia siciliana, de Hess (1998). O conceito de rede continua a ser amplamente usado para fins descritivos (BRUINSMA; BERNASCO, 2004). Entretanto, desde seu início modesto nos anos 1950 e 1960, a análise de redes se tornou uma metodologia mais sofisticada, baseada no computador, apta a lidar com conjuntos de muitos dados (SCOTT, 2000). Ele foi utilizado dessa forma, por exemplo, no estudo do crime de imigrantes russos nos Estados Unidos por Finckenauer e Waring (1998), que analisaram diferentes tipos de aplicação da lei e bases de dados abertas para estipular redes de relações interpessoais entre criminosos; ou na análise do crime organizado na Suíça por Nicolas Giannakopoulos (2001).

O conceito de rede não foi apenas usado para descrição, mas também em um sentido mais analítico. Peter Lupsha (1983), por exemplo, na análise de um grupo criminal, pôs em questão algumas concepções amplamente compartilhadas acerca do crime organizado, enquanto Carlo Morselli (2005) tentou desenvolver hipóteses

baseando-se nas contribuições recentes da teoria das redes, incluindo a teoria dos buracos estruturais de Burt (1992). Morselli analisou as biografias de criminosos proeminentes, o traficante de entorpecentes galês Howard Marks e a figura do mafioso americano Sammy “The Bull” Gravano, para mostrar quais traços das redes pessoais podem contribuir para uma carreira de sucesso como empreendedor do crime. Morselli sustenta que não é tanto o tamanho, mas a estrutura geral da rede criminal e a posição ocupada dentro dela que determinam a extensão do sucesso de um dado criminoso.

Estruturas de poder abrangentes

Seguindo a distinção de diferentes planos de análise definida anteriormente, há estruturas criminais que abrangem indivíduos empreendedores e coletividades. Para tais estruturas, Alan Block cunhou o termo “sindicatos de poder” por oposição a “sindicatos empresariais” (BLOCK, 1983, p.13). O fenômeno das gangues de extorsão que espoliam empresas ilegais foi discutido por muitos economistas, de maneira mais notória por Thomas C. Schelling (1967, 1971) e por Peter Reuter (1983). Schelling e Reuter explicam essencialmente o surgimento dos sindicatos de poder pela necessidade de uma resolução de conflitos não-violenta. Enquanto Schelling aponta para a vantagem geral da internalização dos custos da violência, enfatizando seu argumento por meio de uma analogia com a indústria de pesca de baleias (SCHELLING, 1967), Reuter sustenta que a demanda pela regulamentação pode variar entre níveis de mercado e entre diferentes tipos de mercados ilegais (REUTER, 1983).

Outra contribuição notável para a discussão foi feita por Skaperdas e Syropoulos (1995), que utilizaram o modelo da teoria dos jogos supondo uma analogia entre sindicatos de poder e estados primitivos para explicar o surgimento de grupos criminosos especializados no uso monopolista da violência. Outra abordagem ainda foi dada em um artigo de Chang, Lu e Chen (2005), que propõe um modelo de jogo em três estágios a fim de explicar as escolhas individuais para integrar sindicatos de poder. Sua preocupação subjacente é a aplicação ótima da lei. Um artigo anterior de Nuno Garoupa (2000) se encaixa no mesmo molde.

Atividades

Olhar para as estruturas de associação como a preocupação central é apenas uma opção no estudo do crime organizado. Alternativamente, pode-se olhar para as estruturas de atividade (COHEN, 1977). Essa perspectiva pavimentou o caminho para que outros conceitos e teorias da economia fossem introduzidos no estudo do crime organizado.

Crime como mercado. Talvez a mais duradoura e mais ampla discussão baseada nos parâmetros da análise econômica do crime organizado é sobre a monopolização dos mercados ilegais (BUCHANAN, 1973; HELLMAN, 1980; LUKSETICH; WHITE, 1982; REUTER, 1983, 1985; RUBIN, 1973; SCHELLING, 1967). Dois temas ocupam o centro do debate. Um tema diz respeito ao grau em que a tendência à monopolização é inerente aos mercados ilegais. O outro tema se refere aos custos e benefícios sociais dos monopólios de mercados ilegais. A pesquisa empírica, obviamente, sugere que esse debate é sobretudo teórico, pois os monopólios parecem ser a exceção ao invés da regra nos mercados ilegais (DESROCHES, 2005; GRUPPO ABELE, 2003; JOHANSEN, 2005; PAOLI, 2003b; REUTER, 1983; REUTER; HAAGA, 1989).

Crime como setor de mercado. Phil Williams ampliou o escopo da análise indo do tema restrito da concentração de mercado para o tema mais geral da estrutura industrial. Baseando-se no modelo de análise da indústria de Michael Porter (1980), ele analisou o tráfico de heroína e cocaína tendo em vista os cinco maiores fatores que se acredita determinarem a lucratividade de uma indústria: a amplitude da rivalidade entre firmas existentes; o número e o tipo de participantes; o poder de barganha dos compradores dos consumidores e dos fornecedores e a ameaça de produtos e serviços falsificados (WILLIAMS, 1995).

Uma perspectiva diferente foi adotada por Vincenzo Ruggiero (2000) em sua análise do mercado de trabalho ilegal. Ruggiero sustenta que grandes tendências na economia ilegal, como o surgimento de um “exército de reserva criminal”, têm precedentes no desenvolvimento histórico da economia legal.

Em um plano mais metafórico, H. Richard Friman (2004) olhou para as consequências da intervenção da aplicação da lei nos mercados de drogas tendo em vista os efeitos da cadeia de oportunidades, um conceito desenvolvido originalmente para explicar a mobilidade ascendente em organizações e mercados de trabalho setoriais.

Nexos legais/ilegais

Os indivíduos, as estruturas e os eventos associados ao crime organizado não existem em um vácuo social. Ao invés disso, eles estão ligados a seu entorno de uma maneira ou de outra.

Um aspecto é o “enraizamento social do crime organizado” (KLEEMANS; VAN DE BUNT, 1999) em estratos sociais, meios ou comunidades étnicas (MCILLWAIN, 2004; ROCKAWAY, 1993). A teoria da anomia foi uma escolha óbvia para explicar essa conexão com respeito às comunidades de migrantes (BOVENKERK, 1998; O’KANE, 1992), enquanto conceitos e teorias da antropologia social e cultural foram aplicados a os fenômenos do crime organizado, originários de um país, como a máfia siciliana (COTTINO, 1999; HESSINGER, 2002).

Muitas discussões sobre as ligações entre as esferas legais e ilegais da sociedade tendem a coincidir com temas da ciência política. Desse modo, podem-se encontrar referências mais ou menos intensas à ciência política, tais como aquelas relativas às políticas, a legitimidade, governança e governabilidade. Isso é verdade, por exemplo, no que diz respeito à pesquisa sobre políticas criminais (BULLINGTON, 1993), sobre a política regulatória (CLAPP, 1999; KOSER, 2000), sobre a corrupção e alianças político-criminais (BELLIS, 1985; BLOCK; GRIFFIN, 1997; CHAMBLISS, 1978; GARDINER, 1970; KARKLINS, 2002; NELKEN; LEVI, 1996; SCHULTE-BOCKHOLT, 2001), sobre a atividade criminosa de movimentos de revolta (NAYLOR, 2002), sobre o apoio do Estado a grupos criminosos no contexto da política externa (MCCOY, 2003), sobre a globalização e o poder do Estado (HELLEINER, 1999; MITTELMAN; JOHNSTON, 1999), e sobre sociedades em transição (VOLKOV, 2000). Esse último tema também foi tratado por Michael Keren (2000), mas de uma perspectiva econômica, utilizando um modelo de escolha de carreira para explicar o enfraquecimento do poder do estado pelo submundo nos países da Europa oriental.

Uma perspectiva econômica também é adotada por algumas análises da extorsão no comércio e no trabalho, as duas áreas em que o crime organizado está mais intrinsecamente ligado à economia legal (ICHNIOWSKI; PRESTON, 1989; REUTER, 1987).

Meta-plano

Assumindo que os cinco planos de análise (indivíduos, padrões de associação, estruturas de poder abrangentes, atividades e nexos legais/ilegais) cobrem

fundamentalmente os principais aspectos normalmente subsumidos pelo crime organizado, há uma linha de pesquisa adicional, mas importante, em que o estudo do crime organizado trata não com a realidade do crime organizado, mas com sua construção social. O tema foi tratado sob diferentes pontos de vista e diferentes interesses.

Alguns estudos se interessam pelo debate sobre o crime organizado simplesmente para explorar contextos mais amplos, tais como a cultura popular norte-americana (RUTH, 1996), a história dos Estados Unidos na época da Guerra Fria (BERNSTEIN, 2002), a sociologia da sociologia (REYNOLDS, 1995) ou a política internacional (EDWARDS; GILL, 2002); enquanto outros estudos são motivados por um interesse elementar pelo lado empírico do crime organizado (ALBANESE, 1988, 1991; ALBINI; BAJON, 1978; BELL, 1963; VAN DUYNE, 2004; VON LAMPE, 1999, 2001; SMITH, 1975, 1991; WOODIWISS, 2001).

Estes últimos estudos fornecem alguns exemplos de influência de outras disciplinas na medida em que emprestam conceitos e metodologias, como o conceito antropológico de sistemas de crença (ALBINI; BAJON, 1978), as ferramentas metodológicas da análise do discurso (EDWARDS; GILL, 2002) ou a abordagem histórico-conceitual (VON LAMPE, 1999, 2001; SMITH, 1975) que foi emprestada da pesquisa histórica (KOSELLECK, 1972).

Metodologia

A aplicação de metodologias que foram desenvolvidas em outras disciplinas é um fenômeno vasto que vai além da análise da construção social do crime organizado. Um exemplo é dado pelos métodos desenvolvidos originalmente para apoiar as decisões administrativas estratégicas e táticas. Esses métodos incluem o monitoramento ambiental (BLACK et al., 2001; VANDER BEKEN; DEFRUYTIER, 2004) e a abordagem de cenário (WAGNER, BOBERG; BECKMANN, 2005).

Outro exemplo é o empréstimo dos métodos de estimativa da população da zoologia para a estimativa do tamanho dos mercados ilegais (BOUCHARD; TREMBLAY, [2012?]).

Crítica

O empréstimo de outras disciplinas pode ser útil de diferentes maneiras. A transferência de conceitos pode auxiliar na descrição e categorização dos fenômenos

do crime organizado e a transferência de noções teóricas pode contribuir para a formulação de proposições testáveis. Mas também há o risco de impor quadros conceituais inadequados na análise do crime organizado. A transferência acrítica de conceitos e teorias pode estreitar ou modificar indevidamente o foco da atenção ou pode levar a uma super-interpretação ou a uma má interpretação das descobertas.

O uso de conceitos da teoria da organização, por exemplo, pode levar os observadores a assumir a existência de unidades organizacionais que, na verdade, não existem (SIEBER; BÖGEL, 1993). Inversamente, o fato de que padrões de associação se prestam à análise de redes não deve levar automaticamente à conclusão de que organizações no verdadeiro sentido da palavra não existem (FINCKENAUER; WARING, 1998).

Do mesmo modo, conceitos e teorias não devem ser transferidos para o estudo do crime organizado sem se levar em consideração devidamente as diferenças entre as esferas legais e ilegais da sociedade. A análise de redes dá um bom exemplo a este respeito. O conhecido conceito de Granovetter (1973) de laços fracos, por exemplo, que é frequentemente mencionado na literatura sobre redes criminais, não se adequa necessariamente à realidade do crime. Granovetter assume, baseado em considerações empíricas e teóricas, que as redes sociais tendem a ser formadas por feixes densos de laços fortes que são conectados por alguns poucos laços fracos. Nos mercados ilegais, a necessidade de sigilo e confiança pode resultar em um quadro diferente, que é caracterizado mais por correntes do que por feixes de laços fortes com laços fracos, marcados *inter alia* por uma falta de confiança, sendo muito menos útil para ligar atores e mobilizar recursos.

Parece necessário, portanto, transferir conceitos e teorias de outras disciplinas com muito cuidado. Idealmente, o empréstimo de outras disciplinas pode ocorrer apenas depois de uma observação naturalista cuidadosa e uma ordenação tentativa dos objetos de estudo.

Panorama

Impulsos para influências interdisciplinares no futuro

Não há nenhuma razão para acreditar que no futuro as contribuições de outras disciplinas serão menos importantes para o estudo do crime organizado. Dois fatores em particular continuarão a ter um impacto. Por um lado, tendências e modas nas ciências normalmente vão além das fronteiras de uma disciplina particular de modo

que pode se esperar que quaisquer conceitos e teorias científicas, que se tornem uma moda no futuro, tenham algum impacto no estudo do crime organizado.

Por outro lado, tendências no estudo do crime organizado são compelidas a incitar novos impulsos de empréstimo de outras disciplinas conforme o foco da atenção muda de aspectos muito pesquisados para fenômenos até então negligenciados ou novos.

Tendências atuais

A questão, portanto, não é se o estudo do crime organizado será influenciado ou não por outras disciplinas no futuro, mas de que modo a influência se dará. Ao olhar para as tendências atuais, pode-se fazer algumas previsões cautelosas.

Da organização às redes e aos criminosos individuais. Há uma tendência em particular que parece gradualmente se tornar predominante na pesquisa atual do crime organizado. Essa tendência implica a mudança de um foco nas coletividades criminais, inicialmente nas organizações e posteriormente nas redes criminais, para o **criminoso organizado** individual. Essa tendência, se for real, marca um abandono da concepção de estruturas relativamente estáticas para a concepção de que em um mundo criminal caótico e em constante mudança o denominador comum é o indivíduo transgressor que pode ou não se vincular a outros transgressores. Deve-se notar que esforços nessa direção encontrariam apoio na atual psicologia social. Pesquisas recentes indicam que os traços psicológicos ou predisposições de indivíduos têm um efeito no desenvolvimento e na estrutura das redes sociais (KALISH; ROBINS, 2006). Até agora, o criminoso organizado individual é provavelmente o elemento menos pesquisado do quadro completo do crime organizado, sobretudo porque as explicações do crime na criminologia tendem a focar os transgressores psicopatas e sociopatas, ignorando com isso muitos tipos de transgressores que foram detectados em relação com o crime organizado. Pode-se esperar que isso mude no futuro, ainda que isso seja apenas um desejo, e que juntamente com uma ênfase na pesquisa empírica sobre as características pessoais de capacidades dos criminosos organizados mais atenção seja dada às possíveis contribuições de outras disciplinas, especialmente da psicologia.

Ao mesmo tempo, com os avanços na genética e na neurobiologia, há um renascimento de abordagens na criminologia que se concentram no indivíduo transgressor enquanto as perspectivas sociológicas ficam na defensiva (SIEGEL, 2006). Essa tendência pode eventualmente ter também um impacto no estudo do crime organizado.

Explicação da cotransgressão. A segunda tendência mencionada já não considera dada a existência de organizações e redes criminais, mas explora as condições sob as quais padrões de associação criminal e cotransgressão surgem (WEERMAN, 2003). Um importante conceito a esse respeito, que atualmente recebe grande atenção nas ciências sociais, incluindo a economia, e que é frequentemente, mas não consistentemente, referido na literatura sobre o crime organizado, é o conceito de confiança (VON LAMPE; JOHANSEN, 2004). É provável que esse tema receba mais atenção no futuro e que nesse contexto influências adicionais da psicologia social e de outras disciplinas tenham um efeito no estudo do crime organizado.

O tema da confiança pode também servir como um exemplo do modo como as descobertas das ciências naturais, especificamente da neurobiologia, podem ter uma relevância direta para o crime organizado. Pesquisas recentes mostram que um hormônio, o neuropeptídeo oxitocina, afeta a inclinação de um indivíduo em aceitar riscos sociais que surgem nas interações interpessoais sem aumentar em geral a disposição para aceitar riscos (KOSFELD et al., 2005). Isso, porém, não leva automaticamente a explicações deterministas do comportamento de confiança como neuroquímica, incluindo o sistema da oxitocina, uma vez que ele é fortemente influenciado por fatores sociais (PEDERSEN, 2004; ARAGONA; WANG, 2004).

Outros campos de pesquisa, dos quais conceitos e teorias podem ser emprestados para analisar a cotransgressão e associação criminal, incluem a sociobiologia tendo em vista a cooperação sob condições adversas (WUKETITS, 1997), e estudos de gênero tendo em vista a dimensão da ligação masculina ao crime. Já há literatura sobre o papel da mulher no crime organizado, que desafia a concepção segundo a qual se trata exclusivamente de um assunto masculino (ALLUM et al., 2003; CALDER, 1995; DENTON; O'MALLEY, 1999; GRAZIOSI, 2001; KLEEMANS; VAN DE BUNT, 1999; O'KANE, 1992; MILLER, 2001). Mas, considerando que o crime organizado, apesar disto, parece ser principalmente associado ao masculino, há uma boa chance de que no futuro a literatura sobre os padrões de ligação masculina ao crime (TIGER, 1984) receba mais atenção entre os pesquisadores do crime organizado.

Finalmente, o conceito de capital social deve ser mencionado nesse contexto como um conceito que poderia ganhar importância no estudo do crime organizado (MORSELLI, 2005). Capital social se refere a redes sociais e às normas de reciprocidade e confiabilidade que surgem deles e que afetam a produtividade de indivíduos e grupos (PUTNAM, 2001). O conceito pode ser particularmente interessante frente ao pano de fundo de esforços para medir o capital social (STONE, 2001). Isso poderia abrir caminho para uma medição das capacidades de indivíduos e grupos para cometer crimes com sucesso de forma contínua.

Conclusão

Quando se olha para a pesquisa sobre o crime organizado em geral e suas dimensões interdisciplinares em particular, uma imagem contraditória surge. Há, de um lado, uma multiplicidade de referências a outras disciplinas que sugerem que o estudo do crime organizado está acompanhando o ritmo do progresso científico. Ao mesmo tempo, essas inserções são desordenadas e o ecletismo aumenta a já existente confusão sobre o que deve ser analisado. Em outras palavras, o empréstimo de outras disciplinas não alivia o problema fundamental com que se defronta o estudo do crime organizado, ao qual falta uma compreensão comum de seu objeto de estudo.

O que falta é um programa de pesquisa que permita a construção de um corpo de conhecimento cumulativo (VON LAMPE, 2002). Nesse quadro, seria natural ver o estudo do crime organizado tornando-se cada vez mais ligado a outras áreas de pesquisa, uma vez que o crime organizado não é um fenômeno empírico separado, mas um construto que engloba uma multiplicidade de facetas da realidade social, que estão no domínio de diferentes disciplinas, incluindo a psicologia, a sociologia, a economia e a ciência política. Sob essa perspectiva, poder-se-ia descrever o estudo do crime organizado como um esforço por uma teoria da sociedade espectral. Quanto mais essa concepção se enraizar e a construção do conceito de crime organizado progredir, tanto mais o estudo do crime organizado pode se tornar um empreendimento verdadeiramente interdisciplinar.

THE INTERDISCIPLINARY DIMENSIONS OF THE STUDY OF ORGANIZED CRIME

ABSTRACT: *This essay and review systematically charts the various influences from other areas of scientific research, including economy, psychology, and neurobiology, on the study of organized crime. Drawing on an analysis of American and international literature, metaphorical, and substantive references to other disciplines are highlighted on five levels of observation: the individual **organized criminal**, the activities these individuals are involved in, the associational patterns through which they are connected, the power structures that subordinate these individuals and collectives to common or particular interests, and the relations between these individuals, structures and activities on the one hand, and the legal spheres of society on the other. It is argued that a research program aiming at building up a cumulative body of knowledge is needed to overcome the shortcomings of the current eclectic use of concepts and theories from other disciplines.*

KEYWORDS: *Organized crime. Research. Organization theory. Psychology. Gender studies.*

Referências

ADLER, P. A. **Wheeling and dealing:** an ethnography of an upper-level drug dealing and smuggling community. 2nd ed. New York: Columbia University Press, 1993.

ALBANESE, J. S. Government perceptions of organized crime: the presidential commissions, 1967 and 1987. **Federal Probation**, United States, v.52, n.1, p.8-63, 1988.

_____. Organized crime: the mafia mystique. In: SHELEY, Joseph F. (Ed.). **Criminology:** a contemporary handbook. Belmont: Wadsworth, 1991. p.201-217.

ALBINI, J. L.; BAJON, B. J. Witches, mafia, mental illness, and social reality: a study in the power of mythical belief. **International journal of criminology and penology**, New York, v.6, n.4, p.285-294, 1978.

ALLUM, F. ; SIEBERT, R. ; INGRASCI, O. et al. **Donne e mafie:** il ruolo delle donne nelle organizzazioni criminali. Palermo: Università degli Studi di Palermo, 2003.

ARAGONA, B. J.; WANG, Z. The prairie vole (*Microtus ochrogaster*): an animal model for behavioral neuroendocrine research on pair bonding. **ILAR Journal**, Washington, v.45, n.1, p.35-45, 2004.

ARLACCHI, P. **Mafia business:** the mafia ethic and the spirit of capitalism. London: Verso, 1986.

BANFIELD, E. C.; WILSON, J. Q. **City Politics**. New York: Vintage Books, 1963.

BARZINI, L. **The Italians**. London: Hamish Hamilton, 1964.

BEARE, M. **Criminal conspiracies:** organized crime in Canada. Scarborough: Nelson, 1996.

BELL, D. The myth of the Cosa Nostra. **The New Leader**, New York, v.46, n.26, p.12-15, 1963.

BELLIS, D. J. Political corruption in small, machine-run cities. In: ALEXANDER, H. E.; CAIDEN, G. E. (Ed.). **The politics and economics of organized crime**. Lexington: Lexington Books, 1985. p.99-126.

BERNSTEIN, L. **The greatest menace**: organized crime in cold war America. Amherst: University of Massachusetts Press, 2002.

BEST, J.; LUCKENBILL, D. F. **Organizing deviance**. 2nd ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1994.

BLACK, C.; VANDER BEKEN, T.; FRANS, B.; PATERNOTTE, M. **Reporting on organised crime**: a shift from description to explanation in the Belgian annual report on organized crime. Belgium: Maklu, 2001.

BLOCK, A. A. **East side-west side**: organizing crime in New York 1930-1950. New Brunswick: Transaction Publishers, 1983.

BLOCK, A. A.; CHAMBLISS, W.J. **Organizing Crime**. New York: Elsevier, 1982.

BLOCK, A. A.; GRIFFIN, S. P. The teamsters, the white house, the labor department: a commentary on the politics of organized crime. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.27, n.1, p.1-30, 1997.

BOUCHARD, M.; TREMBLAY, P. Risks of arrest across drug markets: a capture-recapture analysis of hidden dealer and user populations. **Journal of Drug Issues**, Tallahassee, [2012?]. No prelo.

BOVENKERK, F. Organized crime and ethnic minorities: is there a link? **Transnational Organized Crime**, Washington, v.4, n.3/4, p.109-126, 1998.

_____. Wanted: mafia boss: essay on the personology of organized crime. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.33, n.3, p.225-242, 2000.

BROGAN, D. W. **Politics in America**. Garden City: Anchor Books, 1960.

BRUINSMA, G.; BERNASCO, W. Criminal groups and transnational illegal markets: a More detailed examination on the basis of social network theory. **Crime Law and Social Change**, Dordrecht, v.41, n.1, p.79-94, 2004.

BUCHANAN, J. M. A defense of organized crime? In: ROTTENBERG, S. (Ed.). **The Economics of Crime and Punishment**. Washington: American Enterprise Institute, 1973. p.119-132.

BULLINGTON, B. All about eve: the many faces of United States drug policy. In: PEARCE, F.; WOODIWISS, M. (Ed.). **Global crime connections**: dynamics and control. Houndsmill: Macmillan, 1993. p.32-71.

BURT, R. S. **Structural holes**: the social structure of competition. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

CALDER, J. D. Mafia women in non-fiction: what primary and secondary sources reveal. In: ALBANESE, J. (Ed.). **Contemporary Issues in Organized Crime**. Monsey: Criminal Justice Press, 1995. p.111-140.

CHAMBLISS, W. J. **On the take**: from petty crooks to presidents. Bloomington: Indiana University Press, 1978.

CHANG, J.-J.; LU, H.-C.; CHEN, M. Organized crime or individual crime endogenous size of a criminal organization and the optimal law enforcement. **Economic Inquiry**, California, v.43, n.3, p.661-675, 2005.

CLAPP, J. The illicit trade in hazardous wastes and CFCs: international responses to environmental 'bads'. In: FRIMAN, R.; ANDREAS, P. (Ed.). **The illicit global economy and state power**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1999. p.91-123.

CLOWARD, R. A.; OHLIN, L. E. **Delinquency and opportunity**: a theory of delinquent Gangs. New York: The Free Press, 1960.

COHEN, A. K. The concept of criminal organisation. **British Journal of Criminology**, Oxford, v.17, n.2, p.97-111, 1977.

COTTINO, A. Sicilian cultures of violence: the interconnections between organized crime and local society. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.32, n.2, p.103-113, 1999.

CRESSEY, D. R. **Theft of the nation**: the structure and operations of organized crime in America. New York: Harper & Row, 1969.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

DENTON, B.; O'MALLEY, P. Gender, trust and business: women drug dealers in the illicit economy. **British Journal of Criminology**, Oxford, v.39, n.4, p.513-530, 1999.

DESROCHES, F. J. **The crime that pays**: drug trafficking and organized crime in Canada. Toronto: Canadian Scholars' Press, 2005.

DICK, A. R. When does organized crime pay? a transaction cost analysis. **International Review of Law and Economics**, New York, v.15, n.1, p.25-45, 1995.

EDWARDS, A.; GILL, P. The politics of 'transnational organized crime': discourse, reflexivity and the narration of 'threat'. **British Journal of Politics and International Relations**, Oxford, v.4, n.2, p.245-270, 2002.

FINCKENAUER, J. O.; WARING, E. J. **Russian mafia in America**: immigration, culture, and crime. Boston: Northeastern University Press, 1998.

FRIMAN, H. R. Forging the vacancy chain: law enforcement efforts and mobility in criminal economies. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.41, n.1, p.53-77, 2004.

GAMBINO, R. **Blood of my blood**: the dilemma of the Italian-Americans. Garden City: Anchor Books, 1974.

GARDINER, J. A. **The politics of corruption**: organized crime in an American City. New York: Russell Sage, 1970.

GAROUPA, Nuno. The economics of organized crime and optimal law enforcement. **Economic Inquiry**, California, v.38, n.2, p.278-288, 2000.

GIANNAKOPOULOS, N. **Criminalité organisée et corruption en Suisse**. Switzerland: Haupt, 2001.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.78, n.6, p.1360-1380, 1973.

GRAZIOSI, M. Women, the mafia and legal safeguards. **Forum on Crime and Society**, New York, v.1, n.2, p.129-134, 2001.

GRUPPO ABELE. **Synthetic drugs trafficking in three european cities**: major trends and the involvement of organised crime: final report. Turin: Gruppo Abele, 2003.

HALL, R. H. **Organizations**: structure and process. 3rd ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1982.

HALSTEAD, B. The use of models in the analysis of organized crime and development of policy. **Transnational Organized Crime**, Washington, v.4, n.1, p.1-24, 1998.

HALTER, H. **Der polyp von New York**: die geschichte Tammany Halls. Dresden: Franz Müller Verlag, 1942.

HELLEINER, E. State power and the regulation of illicit activity in global finance. In: FRIMAN, H. R.; ANDREAS, P. (Ed.). **The illicit global economy and state power**. Lanham: Rowman & Littlefield, 1999. p.53-90.

HELLMAN, D. A. **The economics of crime**. New York: St. Martin's, 1980.

HESS, H. **Mafia & Mafiosi**: origin, power and myth. London: C. Hurst, 1998.

HESSINGER, P. Mafia und Mafiakapitalismus als totales soziales Phänomen: eine vergleichende perspektive auf die entwicklung in Italien und Russland. **Leviathan Zeitschrift für Sozialwissenschaft**, Verlag, v.30, n.4, p.482–508, 2002.

HIMSEL, D. **Leadership sopranos style**. Chicago: Dearborn, 2004.

HOMER, F. D. **Guns and Garlic**: myths and realities of organized crime. West Lafayette: Purdue University Press, 1974.

HONNETH, A. **Desintegration**: bruchstücke einer soziologischen zeitdiagnose. Germany: Fischer Taschenbuch, 1994.

HUFFMAN, K.; VERNROY, M.; VERNROY, J. **Psychology in action**. 3rd ed. New York: John Wiley & Sons, 1995.

IANNI, F. A. J. **Black Mafia**: ethnic succession in organized crime. New York: Simon and Schuster, 1974.

IANNI, F. A. J.; FISHER, S.; LEWIS, J. **Ethnic succession and network formation in organized crime**: final report. New York: Columbia University, 1973.

ICHNIOWSKI, C.; PRESTON, A. The persistence of organized crime in New York City construction: an economic perspective. **Industrial and labor relations review**, New York, v.42, n.4, p.549-565, 1989.

JACOBS, J. B. **Mobsters, unions, and feds**: the mafia and the American Labor Movement. New York: New York University Press, 2006.

JACOBS, J. B; FRIEL, C.; RADICK, R. **Gotham unbound**: how New York city was liberated from the grip of organized crime. New York: New York University Press, 1999.

JOHANSEN, P. O. Organised crime, norwegian style. In: VAN DUYNÉ, P.; VON LAMPE, K.; VAN DIJCK, M.; NEWELL, J. (Eds.). **The organised crime economy**: managing crime markets in Europe. Netherlands: Wolf Legal Publishers, 2005. p.189–207.

KALISH, Y.; ROBINS, G. Psychological predispositions and network structure: the relationship between individual predispositions, structural holes, and network closure. **Social Networks**, Manchester, v.28, n.1, p.56–84, 2006.

KARKLINS, R. Typology of post-communist corruption. **Problems of post- communism**, Harvard, v.49, n.4, p.22–32, 2002.

KELLY, R. J. The nature of organized crime and its operations. In: EDELHERTZ, H. (Ed.). **Major issues in organized crime control – symposium proceedings Washington DC, September 25-26, 1986**. Washington: National Institute of Justice, 1987. p.5-49.

KENNEY, D.; FINCKENAUER, J. O. **Organized crime in America**. Belmont: Wadsworth, 1995.

KEREN, M. The mafia as a principal actor in transition: an outline of an evolutionary game. **Economic Systems**, Heidelberg, v.24, n.4, p.360-364, 2000.

KIMELDORF, H. **Reds or rackets? the making of radical and conservative unions on the Waterfront**. Berkeley: University of California Press, 1992.

KLEEMANS, E. R.; VAN DE BUNT, H. G. The social embeddedness of organized crime. **Transnational Organized Crime**, Washington, v.5, n.1, p.19-36, 1999.

KOSELLECK, R. Einleitung [Introduction]. In: BRUNNER, O.; CONZE, W.; KOSELLECK, R. (Ed.). **Geschichtliche Grundbegriffe**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1972. Paginação irregular.

KOSER, K. Asylum policies, trafficking, and vulnerability. **International Migration**, Washington, v.38, n.3, p.91–109, 2000.

KOSFELD, M.; et al. Oxytocin increases trust in humans. **Nature**, London, v.435, n.2, p.673-676, 2005.

LERNER, M. **America as a civilization: life and thought in the United States today**. New York: Simon and Schuster, 1957.

LEVI, M. Organising plastic Fraud: enterprise criminals and the side-stepping of Fraud prevention. **The Howard Journal**, London, v.37, n.4, p.423-438, 1998.

LIDDICK, D. **The mob's daily number: organized crime and the numbers gambling industry**. Lanham: University Press of America, 1999.

LUKSETICH, W. A.; WHITE, M. D. **Crime and public policy: an economic approach**. Boston: Little, Brown and Company, 1982.

LUPSHA, P. A. Networks versus networking: analysis of an organized crime group. In: WALDO, G. P. (Ed.). **Career Criminals**. Beverly Hills: Sage, 1983. p.59-87.

LYMAN, M. D.; POTTER, G. W. **Organized Crime**. Upper Saddle River: Prentice Hall, 1997.

MCCOY, A. **The politics of heroin**: CIA complicity in the global drug trade, Afghanistan, Southeast Asia, Central America. Chicago: Lawrence Hill, 2003.

MCILLWAIN, J. S. Organized crime: a social network approach. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.32, n.4, p.301-323, 1999.

_____. **Organizing crime in Chinatown**: race and racketeering in New York City, 1890-1910. Jefferson: McFarland and Company, 2004.

MILLER, J. **One of the guys**: girls, gangs, and gender. New York: Oxford University Press, 2001.

MITTELMAN, J. H.; JOHNSTON, R. The globalization of organized crime, the courtesan state, and the corruption of civil society. **Global Governance**, Boulder, v.5, n.1, p.103-126, 1999.

MOORE, M. H. Organized crime as a business enterprise. In: EDELHERTZ, H. (Ed.). **Major issues in organized crime control-symposium proceedings Washington D.C., September 25-26, 1986**. Washington: National Institute of Justice, 1987. p.51-64.

MORRIS, C. G. **Psychology**: an introduction. 8th ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1993.

MORSELLI, C. **Contacts, opportunities, and criminal enterprise**. Toronto: University of Toronto Press, 2005.

NAYLOR, R. T. **Wages of crime**: black markets, illegal finance, and the underworld economy. Ithaca: Cornell University Press, 2002.

NELKEN, D.; LEVI, M. The corruption of politics and the politics of corruption: an overview. **Journal of Law and Society**, Montreal, v.23, n.1, p.1-17, 1996.

O'KANE, J. M. **The crooked ladder**: gangsters, ethnicity, and the American Dream. New Brunswick: Transaction Publishers, 1992.

PAOLI, L. **Mafia Brotherhoods**: organized crime, italian style. New York: Oxford University Press, 2003a.

_____. The 'invisible hand of the market': the illegal drugs trade in Germany, Italy, and Russia. In: VAN DUYN, P.; VON LAMPE, K.; NEWELL, J. (Ed.). **Criminal finances and organising crime in Europe**. Netherlands: Wolf Legal Publishers, 2003b. p.19-40.

PEDERSEN, C. A. Biological aspects of social bonding and the roots of human violence. **Annals of the New York Academy of Sciences**, New York, n.1036, p.106-127, 2004.

POLKEHN, K.; SZEPONIK, H. **Wer nicht schweigt, muss sterben:** ein tatsachenbericht über die mafia. 7th ed. Berlin: Militärverlag der Deutschen Demokratischen Republik, 1985.

PORTER, M. **Competitive strategy:** techniques for analyzing industries and competitors. New York: The Free Press, 1980.

POTTER, G. W. **Criminal organizations:** vice, racketeering, and politics in an American city. Prospect Heights: Waveland Press, 1994.

PUTNAM, R. D. **Bowling alone:** the collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2001.

REUTER, P. Research on American Organized Crime. In: KELLY, R. J.; CHIN, K.-L.; SCHATZBERG, R. (Eds.). **Handbook of Organized Crime in the United States.** Westport: Greenwood Press, 1994. p.91-120.

_____. **Racketeering in legitimate industries:** a study in the economics of intimidation. Santa Monica: RAND, 1987.

_____. **The organization of illegal markets:** an economic analysis. Washington: National Institute of Justice, 1985.

_____. **Disorganized crime:** the economics of the visible hand. Cambridge: MIT Press, 1983.

REUTER, P.; HAAGA, J. **The organization of high-level drug markets:** an exploratory study. Santa Monica: RAND, 1989.

REYNOLDS, M. **From gangs to gangsters:** how american sociology organized crime, 1918– 1994. Guilderland: Harrow and Heston, 1995.

ROCKAWAY, R. A. **But he was good to his mother:** the lives and crimes of jewish gangsters. Jerusalem: Gefen, 1993.

RUBIN, P. The economic theory of the criminal firm. In: ROTTENBERG, S. (Ed.). **The Economics of Crime and Punishment.** Washington: American Enterprise Institute, 1973. p.155-166.

RUGGIERO, V. **Crime and markets:** essays in anti-criminology. Oxford: Oxford University Press, 2000.

RUTH, D. E. **Inventing the public enemy:** the gangster in american culture, 1918-1934. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SAHLINS, M. D. **Stone age economics**. Chicago: Aldine, 1972.

SATTER, D. **Darkness at dawn: the rise of the Russian Criminal State**. New Haven: Yale University Press, 2003.

SCHELLING, T.C. What Is the business of organized crime? **The Journal of Public Law**, Provo, v.20, n.1, p.71-84, 1971.

_____. Economic analysis and organized crime. In: _____. **Task force report: organized crime, annotations and consultant's papers**. Washington: Government Printing Office, 1967. p.114-126.

SCHNEIDER, A. **Tony soprano on management**. New York: Berkley, 2004.

SCHULTE-BOCKHOLT, A. A neo-marxist explanation of organized crime. **Critical Criminology**, Netherlands, v.10, n.3, p.225-242, 2001.

SCOTT, J. **Social network analysis: a handbook**. 2nd ed. London: Sage, 2000.

SIEBER, U.; BÖGEL, M. **Logistik der organisierten Kriminalität**. Germany: Bundeskriminalamt, 1993.

SIEGEL, L. J. **Criminology**. 9th ed. Belmont: Thomson Wadsworth, 2006.

SKAPERDAS, S.; SYROPOULOS, C. Gangs as primitive states. In: FIORENTINI, G.; PELTZMAN, S. (Eds.). **The economics of organised crime**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p.61-82.

SMITH, D.C. Illicit enterprise: an organized crime paradigm for the nineties. In: KELLY, R. J.; CHIN, K.-L.; SCHATZBERG, R. (Eds.). **Handbook of organized crime in the United States**. Westport: Greenwood Press, 1994. p.121-150.

_____. Wickersham to sutherland to katzenbach: evolving an "official" definition of organized crime. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.16, n.2, p.135-154, 1991.

_____. Paragons, pariahs, and pirates: a spectrum-based theory of enterprise. **Crime and Delinquency**, New York, v.26, n.3, p.358-386, 1980.

_____. Organized crime and entrepreneurship. **International Journal of Criminology and Penology**, United States, v.6, n.2, p.161-177, 1978.

_____. **The mafia mystique**. New York: Basic Books, 1975.

SOUTHERLAND, M. D.; POTTER, G. W. Applying organization theory to organized crime. **Journal of Contemporary Criminal Justice**, United States, v.9, n.3, p.251-267, 1993.

STONE, W. **Measuring social capital**: towards a theoretically informed measurement framework for researching social capital in family and community life. Australian: Institute of Family Studies, 2001. Research Paper, n. 24.

THOMPSON, J.D. **Organizations in action**. New York: McGraw-Hill, 1967.

THRASHER, F. M. **The gang**: a study of 1.313 gangs in Chicago. Chicago: The University of Chicago Press, 1927.

TIGER, L. **Men in groups**. 2nd ed. New York: Marion Boyars, 1984.

VANDER BEKEN, T.; DEFRUYTIER, M. Measure for measure: methodological tools for assessing the risk of organised crime. In: VAN DUYNE, P.; JAGER, M.; VON LAMPE, K.; NEWELL, J. (Ed.). **Threats and phantoms of organised crime, corruption and terrorism**: critical European perspectives. Netherlands: Wolf Legal Publishers, 2004. p.51-84.

VAN DUYNE, P. C. The creation of a threat image: media, policy making and organised crime. In: VAN DUYNE, P.; et al. (Ed.). **Threats and phantoms of organised crime, corruption and terrorism**: critical European perspectives. Netherlands: Wolf Legal Publishers, 2004. p. 21-50.

_____. Organizing cigarette smuggling and policy making, ending up in smoke. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.39, n.3, p.285-317, 2003.

_____. Mobsters are human too: behavioral science and organized crime investigation. **Crime Law and Social Change**, Dordrecht, v.34, n.4, p.369-390, 2000.

VARESE, F. **The Russian mafia**: private protection in a new market economy. Oxford: Oxford University Press, 2001.

VOLKOV, V. The political economy of coercion, economic growth, and the consolidation of the state. **Problems of Economic Transition**, Armonk, n.43, v.4, p.24-40, 2000.

VON LAMPE, K. Criminally exploitable ties: a network approach to organized crime. In: VIANO, E. C.; MAGALLANES, J.; BIDEL, L. (Eds.). **Transnational organized crime**: myth, power, and profit. Durham: Carolina Academic Press, 2003a. p.9-22.

_____. Organising the nicotine racket: patterns of cooperation in the cigarette black market in Germany. In: VAN DUYNE, P.; VON LAMPE, K.; NEWELL, J. (Eds.). **Criminal finances and organising crime in Europe**. Netherlands: Wolf Legal Publishers. 2003b. p.41-65.

_____. Organized crime research in perspective. In: VAN DUYNE, P.; VON LAMPE, K.; PASSAS, N. (Eds.). **Upperworld and underworld in cross-border crime**. Netherlands: Wolf Legal Publishers, 2002. p.189-198.

_____. Not a process of enlightenment: the conceptual history of organized crime in Germany and the United States of America. **Forum on Crime and Society**, United States, v.1, n.2, p.99-116, 2001.

_____. **Organized crime: begriff und theorie organisierter Kriminalität in den USA**. Germany: Lang, 1999.

VON LAMPE, K.; JOHANSEN, P. O. Organised crime and trust: on the conceptualization and empirical relevance of trust in the context of criminal Networks. **Global Crime**, United Kingdom, v.6, n.2, p.159-184, 2004.

WAGNER, N.; BOBERG, M.; BECKMANN, U. Analysen zum Gefährdungspotenzial Organisierter Kriminalität. **Kriminalistik**, Verlag, v.59, n.2, p.85-91, 2005.

WEERMAN, F. M. Co-offending as social exchange: explaining characteristics of Co-Offending. **British Journal of Criminology**, Oxford, v.43, n.2, p.398-416, 2003.

WHYTE, W. F. **Street corner society: the social structure of an Italian slum**. Chicago: The University of Chicago Press, 1943.

WILLIAMS, P. The international drug trade: an industry analysis. In: TURBIVILLE, G. H. (Ed.). **Global dimensions of high intensity crime and low intensity conflict**. Chicago: Office of International Criminal Justice, 1995. p.153-183.

WILLIAMSON, O. E. **The economic institutions of capitalism**. New York: Free Press, 1985.

WOODIWISS, M. **Organized Crime and American Power**. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

WUKETITS, F. M. **Soziobiologie: die macht der gene und die evolution sozialen Verhaltens**. Germany: Spektrum Akademischer Verlag, 1997.

ZAITCH, D. **Trafficking cocaine: colombian drug entrepreneurs in the Netherlands**. Netherlands: Kluwer Law International, 2002.

ZHANG, S. X.; GAYLORD, M. S. Bound for the golden mountain: the social organization of chinese alien smuggling. **Crime, Law and Social Change**, Dordrecht, v.25, n.1, p.1-16, 1996.

Recebido em 16/11/2012

Aprovado em 6/03/2012

